

IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ENSINO APRENDIZAGEM NA MODALIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Camilla Geórgia Silva Rocha¹
Daniela de Stefani Marquez²*

RESUMO

Esta pesquisa discorre sobre o ensino de História nos Anos Iniciais. É importante salientar que houve mudanças e transformações durante os anos no ensino e no conteúdo de História. Mas que apesar destas este ensino continua devassado. Assim, apresenta-se como estas mudanças ocorreram durante os anos, como desenvolver o “EU” e o pensamento crítico do aluno, pois são de extrema importância para o desenvolvimento aprendido do aluno. É após, como estas aulas podem ser ministradas e exemplos das mesmas, e sobre a atuação do pedagogo ou professor nestas aulas. O conteúdo de História está a cada dia, mas devassada e sem sentido para os alunos, mas é necessário ressaltar que este conteúdo é de extrema importância para o desenvolvimento do “EU” e pensamento crítico do mesmo. Desta maneira, neste trabalho a hipótese foi validada.

Palavras chave: História. Ensino. Aprendizado. Aluno. Desenvolvimento. EU. Pensamento. Crítico.

ABSTRACT

This research deals with the teaching of History in the Early Years. It is important to point out that there have been changes and transformations over the years in the teaching and content of History. But despite this, this teaching continues unabated. Thus, it is presented how these changes occurred during the years, how to develop the "I" and the critical thinking of the student, since they are of extreme importance for the student's learning development. It is after, how these classes can be taught and examples of them, and about the performance of ¹the teacher or teacher in these classes. The content of History is every day but devastated and meaningless for students,

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas

² Professora da Faculdade Atenas

but it is necessary to emphasize that this content is extremely important for the development of the "EU" and critical thinking of it. Thus, in this work the hypothesis was validated.

Keywords: History. Teaching. Learning. Student. Development. I. Thought. critical.

INTRODUÇÃO

O ensino de História é de grande importância tanto na Educação Infantil quanto no ensino fundamental I, sendo assim, deve se ressaltar que os discentes irão levar todos estes conhecimentos para toda a vida.

Sem falar, nos diversos benefícios trazidos para os alunos, na educação infantil se faz um aluno mais pensador que irá construir o seu EU e assim a sua própria identidade e no ensino fundamental, na construção de um cognitivo e um pensamento mais crítico em relação ao seu cotidiano e o mundo em sua volta.

Na primeira etapa do ensino fundamental, os alunos têm entre 6 e 11 anos. Durante essa época da vida, as intervenções pedagógicas mais eficazes são as que priorizam a *ação*, ou seja, estimulam os a participar ativamente do processo aprendido. Em outras palavras, os alunos aprendem melhor quando são levados a pensar, imaginar, analisar, comparar suas ideias com os colegas. (FERMIANO e SANTOS;2014; p.12)

E o ensino de História nas aulas traz estes pensamentos e está análise aos alunos.

Mas, infelizmente, este ensino muitas vezes não está sendo levando em consideração e nem valorizado, e assim está sendo deixado de lado nas salas de aulas, pelos professores que muitas vezes estão desmotivados e sem incentivos em ministrar aulas, mas interessantes e divertidas, e os pedagogos que na maioria das vezes cobram um planejamento, mas às vezes não obtém o resultado esperado.

Diante disto, faz se necessário um trabalho que demonstre e ressalte esta importância para todos os interessados em educação.

PCN DE HISTÓRIA

Muitas das vezes não está claro para os professores por que a História está inserida no currículo escolar, a sua importância, sua necessidade na formação, desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Porém, estas são dúvidas de grande importância quando se pretende pensar, refletir e colocar-se em posição ao ensino de História passado. Sendo assim, conforme o “PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de História 1998 p. 19, a partir da constituição do Estado brasileiro a História tem sido um conteúdo constante do currículo da escola elementar”

E partir de tais dúvidas e dificuldades é necessário compreender como a História foi inserida no currículo elementar das escolas brasileiras.

Conforme o PCN de História p.1998, 19, de uma forma geral o conteúdo de História deve ser caracterizado após dois momentos:

O primeiro teve início na primeira metade do século XIX, com a introdução da área no currículo escolar. Após a Independência, com a preocupação de criar uma genealogia da nação, elaborou-se uma história nacional, baseada em uma matriz europeia e a partir de pressupostos eurocêntricos. O segundo momento ocorreu a partir das décadas de 30 e 40 deste século, orientado por uma política nacionalista e desenvolvimentista.

É a partir deste contexto o ensino de História foi se ampliando e a cada dia se fortalecendo.

Como se retrata no PCN de História p, 1998, 19:

A História como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, dentro de um programa inspirado no modelo francês. Predominavam os estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas.

É como afirmado acima pelo autor, com a criação do colégio Pedro II, o ensino de História foi se ampliando, e começou a apresentar a sua importância.

A História foi inserida no currículo ao lado das línguas modernas, das ciências naturais e físicas e das matemáticas, ao lado da História Sagrada, e sendo que ambas estavam inclinadas, voltadas para o desenvolvimento da moral do aluno.

E desta forma, o PCN de História p. 20, 1998, alegam que, “Os objetivos da inserção da História do Brasil no currículo estavam voltados para a constituição da ideia de Estado Nacional laicos, mas articulado à Igreja Católica”.

Pois o estado brasileiro ordenava-se politicamente e precisava de um retroativo passado que autenticava a sua fundação.

E após este período o ensino de História tomou outros rumos e direções como o PCN 1998 p. 20, mostram:

Na educação brasileira, o final do século XIX foi marcado por embates envolvendo reformulações curriculares. Projetos continuavam a defender o currículo humanístico, com ênfase nas disciplinas literárias, tidas como formadoras do espírito. Outros desejavam introduzir um currículo mais científico, mais técnico e prático, adequado à modernização a que se propunha ao país.

É neste contexto o PCN de História 1998, p. 20, ressaltam que, “Tanto no currículo humanístico como no científico a História entendida como disciplina escolar, mantinha sua importância para a formação da nacionalidade.”

Sendo assim, como apresentado pelo autor, o ensino de História estava passando por modificações ao longo dos anos, e reformas e projetos estavam sendo formulados para a melhoria da mesma, e dentro destas alguns queriam conteúdos mais voltados para a formação humanística e humana do aluno e quando outras lutavam para um caráter mais científico, mais que ambas teriam, importância para a formação do nacionalismo do indivíduo.

A partir de 1945, a política brasileira foi registrada, notada por uma longa argumentação, em relação a educação nacional, que sucedeu, em 1969, na lei 4.024, de Diretrizes e Bases. (PCN, 1998, p. 24)

É segundo o PCN 1998, p. 24; “Por essa lei, o sistema continuou a ser organizado segundo a legislação anterior, sendo suprimida a prescrição do currículo fixo e rígido para todo o território brasileiro.” Sendo assim, o ensino de História apresentou-se na educação brasileira como um currículo, disciplina estável dentro das salas de aulas.

É se predominou, inclusivamente, o abrimento para os estados e sociedades de ensino acrescentar áreas optativas ao conteúdo mínimo descrito pelo conselho federal de educação.

É diante, disto o PCN de História 1998 p.23 afirma que:

Essa flexibilidade vinha de encontro à emergência do regionalismo, das propostas desenvolvimentistas e das políticas que incorporavam noções de centro e periferia. Tal abertura no currículo possibilitou, por exemplo, o desenvolvimento de experiências educacionais alternativas, como foi o caso das escolas vocacionais e das escolas de aplicação em algumas regiões do Brasil.

É a partir de 1971, em meio as contestações e os reparos da elaboração universitária, a política educativa da época diminuiu a disciplina.

É neste contexto o PCN 1998 p. 23, de História afirma que:

No contexto do Estado Novo, a História tinha como tarefa enfatizar o ensino patriótico, capaz de criar nas gerações novas a consciência da responsabilidade diante dos valores maiores da pátria, a sua independência, a sua ordem e o seu destino.

Diante o que foi afirmado acima, o conteúdo foi se aprimorando ao longo dos anos e passou a ser apresentado de uma forma mais dinâmica e elevando condutas de responsabilidades e moral para o indivíduo. (PCN, 1998, p. 23), e assim mais uma vez o conteúdo de História passou por modificações no seu currículo, desta vez enfatizando a relação moral do indivíduo no seu dia a dia e no seu desenvolvimento e aprendizado.

É a cada dia este conteúdo se renovava como e apontado nos PCN de História, 1998; p.23, “a carga horária de História no ginásio aumentou consideravelmente e História Geral e História do Brasil passaram a ser áreas distintas, saindo privilegiada a História brasileira.” As disciplinas foram aumentadas em função a realização da didática e pela inquietação de assegurar uma adequada representação dos alunos nas deliberações e ou provas.

É após anos e diversas modificações o conteúdo de História passou a ser considerada uma disciplina para a construção moral, social como e abordado pelo PCN de História:

Nos anos imediatos ao pós-guerra e no contexto da democratização do país com o fim da ditadura Vargas, a História passou a ser novamente objeto de debates quanto às suas finalidades e relevância na formação política dos alunos. Tornou-se uma disciplina significativa na formação de uma cidadania para a paz. (PCN de História 1998 p. 23)

É assim os PCN de História 1998 p.23, afirmam que; “Sob inspiração do nacional-desenvolvimentismo, nas décadas de 50 e 60 o ensino de História voltou-se especialmente para as temáticas econômicas”.

Destacou-se o aprendizado dos períodos econômicos, sua continuação linear no período, e exclusivo, a história de qualquer região econômica era predominante em cada época.

Diante disto, “a consolidação dos Estudos Sociais em substituição a História e Geografia ocorreu a partir de da lei n. 5.692/71, durante o governo militar” (PCN de História 2000, p.26), e como descrito pelo autor, o conteúdo de Estudos Sociais se juntaram com a Educação Moral e Cívica, em baseamentos dos estudos históricos, em junção por temas de Geografia. E com esta permuta o ensino de História e Geografia foram ao tempo se esgotando e recebendo maneiras, ideias a partir de nacionalismo e patriotismo, assim tentando desta forma justificar o projeto nacional dirigido pelo governo militar inserido no País a partir de 1964.

É segundo o PCN de História 2000; p.27, a “democratização dos anos 80 os conhecimentos escolares passaram a ser questionados e redefinidos por reformas curriculares”. E nestas circunstâncias começaram os debates em relação a volta do ensino de História e Geografia. E, conforme acima o currículo de História foi inserido nas escolas de educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamentais, e como descrito pelo autor estas temáticas começaram a ser consideradas e planejadas para o seu público e com uma ênfase relacionada a um novo habitual tecnológico.

É após várias mudanças e acontecimentos o conteúdo de História se vem se destacando e crescendo dentro das salas de aula como e relatado no PCN de História 2000, p. 31:

Nas últimas décadas, o conhecimento histórico tem sido ampliado por pesquisas que têm transformado seu campo de atuação. Houve questionamentos significativos, por parte dos historiadores, relativos aos agentes condutores da história- indivíduos e classes sociais-, sobre os povos nos quais os estudos históricos devem se concentrar, sobre as fontes documentais que devem ou podem ser usadas nas pesquisas e quais as ordenações temporais que devem ou podem prevalecer.

Conforme acima este conteúdo vem passando por modificações e se renovando a cada dia mais em torno do seu campo de atuação e mostrando a sua importância dentro das salas de aula, e dentro desta se destacando a compreensão do “EU”, construção da identidade, do pensamento crítico e outros. Como e destacado no PCN de História 2000, p 32:

Do trabalho com a identidade decorre, também, a questão das construções das noções de diferenças e semelhas. Nesse aspecto, e importante à compreensão do “EU” e a percepção do “outro”, do estranho que se apresenta como alguém diferente.

Desta maneira este trabalho deve ser voltado para estas virtudes, para que o aluno se torne um indivíduo crítico e construtor de seus pensamentos, ideias e do seu desenvolvimento intelectual.

É de extrema importância e relevância:

considera-se ainda que, o ensino de História envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive”. (PCN de História, 2000 p 33)

É para que o mesmo aconteça e necessário que se desenvolva habilidades e formas de pensamentos entre os alunos, assim como o “EU” e o pensamento crítico, para o desenvolvimento dos mesmos e primordiais que se faça como será citado.

COMO O ENSINO DE HISTÓRIA INTERFERE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO E NA CONSTRUÇÃO DO “EU” DO ALUNO.

Entre umas das temáticas abordadas pelo conteúdo de História dentro das salas de aulas durante o Ensino Infantil e Fundamental I são: o desenvolvimento do “EU” e do pensamento crítico, e dentro destas fica a pergunta de como devolver tais habilidades? Assim, será apresentado temáticas que poderão devolver e ou auxiliar no desenvolvimento destas, e que por muitos podem ver vistos com desafios na disciplina da mesma.

O ALUNO COMO SUJEITO HISTÓRICO

Esta é uma da parcela da certificação de que o conhecimento histórico é capaz de participar no desenvolvimento da identidade.

Assim, esta é uma temática que é proposta pelo Parâmetros Curriculares Nacionais como e descrito por Fermiano e Santos 2014, p. 9:

A compreensão do aluno como sujeito no processo histórico é uma exigência encontrada nas propostas pedagógicas do estado de São Paulo, desde a década de 1980, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, desde 1996.

Desta forma, conforme Fermiano e Santos, 2014; p.10, “Que ensinar História para uma criança no ensino fundamental pode ajudá-la a pensar sobre a sua própria história.” E isto retrata que este tem tomado par si consciência de seus costumes, praticas do seu dia a dia, da cultura de região onde vive e de outra também e assim identificar melhor a realidade de onde se convive. E assim “ao descobrir quem é e de onde veio, ela tem condições de projetar para onde vai.” Fermiano e Santos (2014, p.10).

É conforme Schmidt 2013, p.57 “O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem e lançar os germes do histórico.” Como tal característica este é responsável por instruir ao aluno a qualificar

e valorizar a diversidade dos momentos de cada um, respeitando as diferenças individuais, assim ele irá conhecer a si mesmo também.

Assim, conforme e descrito por Fermiano e Santos 2014, p.10, uma maneira de conduzir a criança e fazer que esta perceba a realidade em que convive é, incentivá-la a compreender as coincidências e as particularidades, continuações e modificações. E a partir daí, ela entenderá que todo mundo dispõem de uma história. Dando continuidade ao pensamento do autor uma das principais características do ensino de História e cooperar para que este aluno possa se descobrir se localizar dentro do seu contexto de individualidade e identidade para que o mesmo possa se reconhecer como um indivíduo que está inserido dentro de um sistema de relações sociais que se constrói ao um longo prazo.

Destá maneira como e descrito por Pinsky e Pinsky 2013, p.28:

Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos.

Assim, “a importância do ensino de História no nível fundamenta I, ultrapassa o âmbito do aluno individual, já que afeta também a sociedade, sendo uma forma de educar para a cidadania” Fermiano e Santos,2014; p.10, desta maneira com é citado acima pelo autor, e visto que o ensino de História vai além de trabalhar um significado individual o do “EU”, mas que também irá abranger a mais significados e como um exemplo: sociedade o “outro”.

Assim, “o estudo de sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o cidadão comum está inserido...” (BITTENCOURT, 2013 p. 27).

Portando como e mostrado Fermiano e Santos, 2014; p.10:

Conceber o aluno como sujeito histórico também implica sensibilizá-lo em relação às suas responsabilidades sociais, que tendem a crescer com o tempo. Para isso, é preciso que ele aprenda a respeitar o “outro”, com suas especificidades culturais e experiências de vida. A História é capaz de levar a criança a se colocar na pele das outras pessoas e a perceber pontos de vista alternativos, e não só de seus contemporâneos, mas também de gente que viveu em outras épocas e lugares.

Portanto, não deve-se aplicar aquela aula de História desafortunada, tradicional e sem conteúdo, em quais os assuntos são abordados de maneira pobre e entediante fazendo dos alunos simples espectadores. E sim, aquela aula em se conseguia fazer “da História capaz de aproximar

os alunos da compreensão das dinâmicas dos fenômenos sociais”. (FERMIANO e SANTOS, p.11, 2014)

É a partir do pressuposto acima conforme o autor vale ressaltar que:

Além disso, se o aluno não se enxergar como alguém integrado a um contexto e com um papel relevante a desempenhar, não poderá participar ativamente da vida em sociedade e não reconhecerá as necessidades das pessoas o que o cercam, os problemas de sua comunidade (em sentido micro e macro) e a importância das lutas pelo direitos humanos. (FERMIANO e SANTOS, 2014 p.11).

Assim como descrito pelo autor acima se deve considerar e inserir o aluno dentro do meio em que ele convive para que este possa conquistar argumentos necessários para construir uma vida social de qualidade.

É assim, “quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer” (PINSKY E PINSKY 2013).

Por tanto, considera-se que “conhecer a si mesmo e ao outro, construir sua, identidades individuais, sociais e coletivas é um dos primeiros passos no caminho que leva à cidadania plena.” (FERMIANO E SANTOS, 2014)

PARTIR DA REALIDADE DO ALUNO

Segundo Fermiano e Santos, 2014; p.11, partir da realidade do aluno significa “tomar o cotidiano dos alunos como a primeira referência”.

Mas, partindo desta premissa, fica a pergunta de como isto poderia ser realizado pelo professor.

Logo Fermiano e Santos, 2014; p.11, fala que, “ele (professor) deve primeiro conhecer o universo sociocultural específico dos garotos para quem dá aula, seus valores, seu modo de falar, sua visão do mundo.” Para isto, é fundamental que ele questione o que elas acreditam, ou pensam e assim levar em consideração estas respostas, como um pressuposto para a realização de outras perguntas.

E assim, Silva e Santos, 2012, p. 8, citam que:

O professor deve trabalhar de acordo com a realidade social do aluno, levando em consideração o espaço onde a criança vive sua cultura local, seus costumes, o tempo vivido e construído, enfatizando os diversos tipos de profissões, moradias, costumes,

cultura e economia atuais e antigas relacionando suas semelhanças e diferenças, além de mostrar suas transformações ao longo do tempo e como suas características se fazem presentes atualmente em meio a tantas mudanças que o mundo globalizado e capitalista acaba influenciando ou interferindo na sociedade direta ou indiretamente.

Afinal como e descrito por Fermiano e Santos, 2014; p.11: “Obtém melhores resultados aquele professor que ouve os alunos do que aquele que simplesmente “passa matéria” como se apresentasse um monólogo diante de uma plateia silenciosa e apática.” E assim deve se abordar uma temática onde o aluno seja um indivíduo presente na construção do seu conhecimento.

Afinal como Guimarães 2012, p.181; “O aluno é um ser social completo, não é uma *tábula rasa*... Ele não apenas estuda e aprende, mas faz história, participa da história, tem ideias, valores, concepções, informações sobre os fatos históricos.”

Como e referido por Fermiano e Santos, 2014; p.12:

Na primeira etapa do ensino fundamental, os alunos têm entre 6 a 11 anos. Durante essa época da vida, as intervenções pedagógicas mais eficazes são as que priorizam a *ação*, ou seja, estimulam os alunos a participar ativamente do processo de aprendizado.

E como descrito pelo autor, os alunos se desenvolver melhor quando ele e colocado a pensar, refletir, buscar, criticar, analisar os seus pensamentos como os colegas de classe e ou com a professora.

E assim e necessário que o professor não se esqueça que este aluno leva uma vida fora da escola e cada um apresentando uma cultura diferente como e ressaltado por Guimarães 2012, p 181: “Tem vida própria fora da escola, participa de outras organizações além da escolar, com as quais convive aprende, ou seja, tem conhecimentos múltiplos, e esse saber já construído deve ser o início do caminho a percorrer.”

Neste contexto o professor deve “valorizar o patrimônio sociocultural do educando” Fermiano e Santos, 2014; p.13, e uma maneira de fazer isto e abordado pelo o autor é e:

O professor pode incentivar cada aluno a escolher um objeto para guardar com o objetivo de ter, no futuro, algo que o lembre de uma época de sua vida e que o ajude a contar (para amigos, familiares seus próprios filhos) parte de sua história (um brinquedo preferido, um presente de alguém muito querido...).

E desta forma “Os alunos podem ser estimulados a fazer, na escola, sua própria exposição de objetos, cada um deles acompanhado de um pequeno bilhete explicando sua

origem.” e desta maneira os desenvolvimentos inseridos por esta atividade darão diferentes significados e rumos ao pensamento e conhecimento prévio dos educando e assim possibilitando uma assimilação de novas realidades em volta do seu dia a dia. (FERMIANO E SANTOS, 2014.)

Assim a partir de quando eles são capazes de reconhecer o ambiente em sua volta eles estão preparados para, descobrir a associação entre “a sua realidade e o patrimônio cultural da humanidade” (PINSKY e PINSKY, 2003)

É como descrito pelo autor “desta forma, estará ajudando os alunos a organizar repertórios culturais que possibilitam a compreensão do tempo e do espaço nos quais estão inseridos”. E desta maneira o educando estará capacitado para *estabelecer uma identidade* com indivíduos do passado, entendendo que por sua vez que em sua humanidade que ele e outras pessoas podem ser similares e ou parecidos, quanto a perceber suas diferenças. (FERMIANO e SANTOS, 2014)

É completando esta fala Guimarães 2012, p.181, descreve que:

Os alunos trazem consigo expectativas de aprendizagem perante as hipóteses construídas. O professor deve possibilitar a manifestação do interesse, curiosidades e anseios em relação às questões propostos, assim como em relação aos procedimentos, às atividades para sua realização.

É assim o professor deverá ser habilitado de fazer que este aluno seja capaz de ver, viver, distinguir e pensar dentro da âmbito e realidade onde ele convive, como citado pelo autor:

Se o professor conseguir fazê-las perceber que a realidade na qual elas estão inseridas – a vida que levam, as amizades que cultivam o transporte que utilizam a casa que moram... - representa apenas uma pequena fração de infinitas *possibilidades de viver*, já estará dando um grande passo. (FERMIANO e SANTOS, p.14; 2014)

E após está o autor cita que o professor dá conta de desenvolver estas habilidades deste que o mesmo:

Com o tempo e investimento e o investimento do professor em boas aulas de História, os alunos poderão compreender que história é fruto de uma construção dinâmica das relações entre as pessoas, que acolhe as diferentes maneiras de viver e conviver. (FERMIANO e SANTOS, p.14; 2014)

Assim, este aluno ira partir de um conhecimento que ele já estabelece na sua memória e ira partir deste para novas conquistas de seu desenvolvimento aprendizado.

EDUCAR PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Em um primeiro momento será importante definir a palavra cidadania, e segundo, Fermiano e Santos, 2014 p.13 é, “Cidadania é a garantia de direitos civis, políticos e sociais.” E como é explicado pelo mesmo autor *apud* Pinsky:

Ser cidadão é ter direito à vida, a liberdade, à propriedade, à igualdade permanente a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila.

Assim conforme o autor todos os indivíduos que compõem, a sociedade tem direitos e deveres a serem cumpridos, pois assim segurando a sua cidadania. E neste contexto vale ressaltar, Kantovitz, 2012, p.98:

Considerando que trabalhar com a História vai muito além da formação intelectual ou cognitiva do aluno, pode-se estabelecer uma relação com a formação do cidadão ativo e capaz de compreender o mundo no qual está inserido, reconhecendo-se como sujeito integrante de um grupo social e cultural, capaz, portanto, de entender o seu tempo. Dessa maneira, justifica-se a participação da disciplina de História como integrante do projeto interdisciplinar.

Desta, forma como se pode mostrar que o trabalho de história ira influenciar no desenvolvimento da cidadania do educando? Deve se mostrar que a cidadania e um contexto histórico e que se vem de épocas atrás e que de certa forma são passadas com o tempo. Fermiano e Santos, 2014, p.19.

E conforme o que foi descrito acima na escola deve se trabalhar, através de um conjunto de forma que iram desenvolver e aprimorar este conceito de forma que mostre aos alunos a importância da mesma, assim vale ressaltar Bezerra, 2004; p.47-8:

O conjunto de preocupação que informam o conhecimento histórico e suas relações com o ensino vivenciado na escola levam ao aprimoramento de atitudes e valores imprescindíveis para o exercício pleno da cidadania, como o exercício do conhecimento autônomo e crítico, valorizando de si mesmo como sujeito responsável da História; respeito às diferenças.

E conforme descrito pelo autor desta maneira o aluno está aprendendo a respeitar as diferenças que cada um de nós possuímos e também estarão desenvolvendo formas de resolver problemas pessoais e quando em grupo.

Neste sentido, Fermiano e Santos, 2014 p.20, *apud* Fonseca, 2003, p.33-5, que “nesta etapa da vida, a criança já é capaz de compreender que precisa fazer a sua parte e que, se ela tem direitos, tem também deveres.”, assim conforme o autor em frente, esta poderá desenvolver que não bata apenas entender, e sim que necessário ajudar a aprimorar o mundo onde vivemos, para que a cada dia ele possa se tornar um lugar onde todos possamos viver de uma forma igualitária. E completando esta fala Guimarães 2012, p. 143, ressalta que,

Educar o cidadão, preparar o aluno para a vida democrática, permitir que os alunos possam progressivamente conhecer a realidade, o processo de construção da História e o papel de cada um como cidadão no mundo contemporâneo.

Desta forma para que isto seja desenvolvido deve ser trabalhado pelo professor da seguinte forma como e descrito por Fermiano e Santos,2014 p.20:

O professor deve conduzir seu trabalho no sentido de levar o aluno a considerar o ponto de vista dos outros e compreender o ser humano em todas as suas manifestações, sejam elas culturais, étnicas, políticas, emocionais, sociais, entre outras.

E assim, conforme o autor fala, o professor deve levar em consideração todos estes conceitos para que atinja o seu ideal.

FORMAR O PENSAMENTO CRÍTICO

Segundo Fermiano e Santos, p.15; 2014 “o pensamento crítico exige capacidade de reflexão, e isso só se adquire com amadurecimento e muito treino”, e assim é de extrema importância que se apresente aos alunos este assunto deste a educação infantil estes contextos e ideias simples, mas que levam a este tipo de pensamento crítico.

Desta forma, Bittencourt, 2013; p.19, “Para a maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, para que o aluno adquira uma postura crítica em relação à sociedade em que vive”, desta maneira conforme o autor menciona o professor deve trabalhar para a construção de um aluno crítico não apenas para si, mas também para sociedade.

Mas, será possível realizar com as crianças?

Sim! Segundo Fermiano e Santos, 2014 p.15, “propondo-lhes perguntas estimulantes”. Estando atento às suas respostas (é bom lembrar que a opinião emitida é baseada no que o sujeito conhece sobre o assunto em pauta, estando implícitos, também, os valores que a pessoa possui). É, a partir delas, elaborando novas perguntas.

É a partir do que foi descrito por Fermiano e Santos *apud* Bittencourt, 2013; p.19, cita que:

A constituição de um pensamento crítico é uma meta necessária para a sociedades em transformação que exigem atuações criativas para a manutenção de estágios de desenvolvimento tecnológicos, exigências de uma sociedade industrial urbanizada, e esta necessidade de formação escolar está expressa em currículos a partir dos anos 50.

E assim conforme o autor a construção deste pensamento crítico e além de uma construção individual e sim uma exigência da sociedade, em relação cível e moral.

Como e citado por Marciano, 2008; p.1:

O professor pode ascender à sociedade usando o ensino – nesse caso o ensino de História – como instrumento de luta e transformação social, levando os alunos a uma consciência crítica que supere o senso comum para que possam não somente ver os acontecimentos, mas, enxergá-los de maneira mais crítica e reflexiva.

E assim em relação aos alunos do ensino fundamental, Fermiano e Santos, 2014 p.17, relevam que, “fazer do estudo da História um exercício de investigação, de análise e crítica, além de levantamento de hipótese sobre o acontecimento, significa que as crianças podem ser introduzidas deste cedo”, a este conceito.

É completando a fala acima Guimarães, 2012, p. 240, cita que:

Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos.

E assim, conforme o autor, estas devem ser realizadas nas condutas de: “buscar informações e identificar documentos históricos (em sentidos amplo)”: e de necessidade que deste a sua formação inicial o aluno perceba que há várias fontes de informações sobre o presente e o passado, sobre o tempo e espaço que possa ser ou não familiares. “Organizar informações com critérios definidos”: os fatores de seriação dos conhecimentos podem considerar a ordem cronológica, a relevância e entre outros. “Aprender a analisar”: neste o aluno deve relacionar e

comparar que são tarefas que podem ser consideradas fundamentais. “Questionar”: nesta o aluno deve aprender questionar através de si para o social, onde ele tem o dever de observar a realidade onde o cerca para formar as questões para seus próprios questionamentos. Fermiano e Santos, 2014, p.19.

Assim, a partir destas primícias os alunos devem abordar estes questionamentos dentro do seu dia a dia para que possam se tornar cada dia mais crítico.

E este contexto não se trata de um tema novo em nossa sociedade como e descrito por Bittencourt, 2013 p.19:

Tais metas, a “formação do pensamento crítico”, a formação de “posturas críticas dos alunos” ou ainda “estudar o passado para compreender e transformar o presente” não são objetivos novos. A constituição de um pensamento crítico é uma meta necessária para as sociedades em transformação que exigem atuações criativas para a manutenção de estágios de desenvolvimento tecnológico, exigências de uma sociedade industrial urbanizada, e esta necessidade de formação escolar está expressa em currículos a partir dos anos 50.

É partindo do que foi descrito, vale ressaltar que “é importante que os alunos aprendam a compreender, por exemplo, as dificuldades de locomoção dos cadeirantes ou dos idosos nas ruas da cidade.” Fermiano e Santos, 2014 p.19.

Assim eles irão aprender a entender a importância de serem críticos e ao mesmo tempo respeitar a si mesmo e principalmente ao próximo.

COMO TRABALHAR A HISTÓRIA NAS AULAS E A SUA IMPORTÂNCIA IDENTIFICANDO O PAPEL DO PEDAGOGO OU DO PROFESSOR NESTE CONTEXTO.

Muitos educadores têm grande dificuldade quanto à forma de apresentar aos educandos os ensinamentos de História, e para facilitar os autores Fermiano e Santos (2014, p, 29), trazem duas abordagens para amenizar a dispersão dos discentes e tornar a aula mais produtiva. Argumentam que a princípio deve-se “verificar o parecer dos discentes com relação aos fatos históricos relacionados ao tempo”; e em subsequência deve “Inserir a ideia de tempo, histórico dando ênfase no saber, socialmente gerado”. Assim pode-se progredir através de tarefas e trabalhos, trazendo para eles alguns princípios e/ou indagações em relação a matéria lidando

com medidas e recursos que colaboram com os historiadores na percepção da história e por sua vez caligrafia.

Desta maneira, Pinsky e Pinsky (2003, p. 23), ressalta que “as aulas de História serão muito melhores se conseguissem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente.” Assim, conforme o autor, estas aulas devem ser apresentadas de uma maneira onde se deve ligar o passado ao presente do aluno para que o mesmo tenha um significado.

Mas sem deixar o estudo da História local de lado, e para começar a falar desta história local deve-se citar, Guimarães 2012, p. 236: “A realidade brasileira é diversa e complexa, com diferenças regionais marcantes, variadas geográficas e níveis sócios, econômicos e culturais.” E sendo assim e o autor da continuidade a sua fala “o que nos une? Um território, uma pátria, uma língua, um estado, uma nação, uma Constituição. Vivemos um tempo de globalização, ou mundialização, como preferem alguns autores.

Assim, “O local e o cotidiano do aluno constituem e são constituídos de importantes dimensões do viver- logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade a partir de diferentes situações, fontes e linguagem.” E desta maneira, o ensinar é conhecer História não é algo a ser inserido e ensinado com uma metodologia única e sim de uma maneira de construção a base de diálogo a partir da experiência do dia a dia de cada aluno e professor assim valorizado a diversidade em pensamentos e formas de conviver do dia a dia de cada um. (GUIMARÃES, 2012 p.241 e 242).

É assim como é citado pelo autor, por isto é de tão grande importância o estudo da história local pelos os alunos, pois como cada região possui sua cultura as suas diferenças, cada aluno deve-se aprender das ambas culturas existentes, pois assim ele irá além de desenvolver um conhecimento sobre elas, ele irá aprender a respeitá-las e conhecer a importância de cada uma para a sociedade.

A história local pode ter um papel significativo na construção de memórias que se inscrevem no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração. Seu estudo implica desafios semelhantes aos da história em geral. O local e o cotidiano devem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de variadas fontes. As memórias da localidade, de região, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, da política estão vivas entre nós. Os nomes das ruas em que os alunos moram podem dar início a uma pesquisa. Temos a responsabilidade de, juntos a eles, auscultar, ler, registrar, produzir reflexões e transmiti-las. (Guimarães, 2012 p.244 e 245).

Afinal como Guimarães 2012, p.244 “O local é uma janela para o mundo” e assim cabe-se ao professor a se atentar as estas expectativas aos alunos através de formas lúdicas e que se atenta aos alunos, e não deixando que estas alunas se percam janela a fora.

É assim este professor deve trabalhar de uma forma construtiva para o aluno, transformando-o, e dando-lhe significado, como e descrito por Marciano, 2008:

É necessário que o professor conheça ao máximo a realidade de cada um de seus alunos para que possa desenvolver e utilizar ferramentas que reduzam a defasagem no aprendizado e o "abismo" que separa professores e alunos. Dentre essas ferramentas, a comunicação colabora, de forma acentuada, para que professores e alunos consigam conviver dentro da sala de aula de forma "harmônica".

Para que este conteúdo possa ser assimilado significativo pelos estudantes.

Assim Pinsky e Pinsky 2003 p. 25, cita que:

Um modo mais construtivo (sem trocadilhos) seria adotar como postura de ensino (que se quer critico) a estratégia de abordar a História a partir de questões, temas e conceitos. Quais seriam as questões relevantes que podem ser feitas ao presente e, por extensão, ao passado? Qual a relevância dos recortes temáticos tradicionais e novos feitos pela historiografia? Quais os conceitos importantes a serem discutidos com os alunos?

Desta maneira, os professores tendo mais ou menos respostas destes assuntos o professor poderá:

- a) capacitar os estudastes no sentido de perceberem a historicamente de conceitos como democracia, cidadania, beleza (como e por que mudaram muito ao longo do tempo?); práticas como a manifestações de religiosidade, afetividade e sexualidade; ideias como a inferioridade racial, cultural e moral;
- b) fazer com que os alunos não só reconheçam preconceitos, mas compreendam seu desenvolvimento e mecanismo de atuação, para poder critica-los com bases e argumentos mais sólidos;
- c) demonstrar com clareza certos usos e abusos da História, perpetrados por grupos políticos, nações e frações (adversários de um estado nacional são frequentemente apresentados nos manuais escolares como inimigos da pátria, revolucionários como traidores, minorias como gente não patriota e assim por diante). (PINSKY e PINSKY, p. 26,2003).

É partir desta premunia, devemos valorizar estas citações, mas para que este ensino aprendizado aconteça de uma maneira significativa não bastam apenas estas afirmações, mas também se deve atentar ao professor dentro da sala de aula.

O PAPEL DO PROFESSOR DE HISTÓRIA DENTRO DA SALA DE AULA E SUA FORMAÇÃO.

O ensino de História é de grande importância deve ser ressaltado dentro da sala de aula, mas para que isto aconteça é necessário que o professor realize este aprendizado de forma lúdica e que leve os alunos ao interesse do mesmo.

É conforme Pinsky e Pinsky 2013, p. 22, para que isto aconteça e indispensável que:

Que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem.

Pois, segundo o mesmo autor um professor mal instruído e desmotivado não dá conta de aplicar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao desenvolvimento de um bom professor deverá aproveitar de um velho livro com falhas para consertar e desenvolver o pensamento crítico do mesmo. (PINSKY E PINSKY 2013 p. 22).

Mas este ensino vai, além disso, como é descrito por Pinsky e Pinsky 2013 p.22 “Mais do que o livro, o professor precisa ter conteúdo. Cultura. Até um pouco de erudição não faz mal algum. Sem estudar e saber a matéria não pode haver ensino. É inadmissível um professor que quase não lê.”.

É assim completando a fala de Karnal, Marciano 2008 p.1, descreve que:

Ensinar a construir o próprio ponto de vista histórico, significa colaborar para que o aluno construa conceitos e aplique-os nas situações do cotidiano, significa ensinar a solucionar, relacionar, interpretar as informações sobre o momento estudado para se chegar a um maior nível de entendimento do mundo. É ainda fornecer aos alunos meios para que possam construir argumentos que permitam explicar a si próprios e a outros, de maneira clara e objetiva, um determinado fato histórico. Significa por fim, dar-lhes condições para que possam perceber-se o máximo possível dentro da condição humana.

Pois o professor em um potencial de ensino que tem deve sempre está atento as novidades de sua matéria de ensino e no seus alunos enquanto as suas dificuldades.

Pois “se o professor é o elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é necessário que ele conheça, da melhor forma possível, tanto um quanto outro.” Pinsky e Pinsky, 2013 p.23. E dando continuidade no que o autor cita, o professor deve conhecer todas a áreas da educação, pois ele é um mediador de conhecimento e sendo assim ele deverá se atender as todas as demandas cobradas a ele.

O professor precisa conhecer as bases de nossa cultura... Noutras palavras, cada professor precisa, necessariamente, ter um conhecimento sólido do patrimônio cultural da humanidade. Por outro lado, isso não terá nenhum valor operacional se ele não conhecer o universo sociocultural específico do seu educando, sua maneira de falar, seus valores, suas aspirações. (PINSKY E PINSKY 2013 p. 23).

É após estes conhecimentos, a partir “desses dois universos culturais” o professor irá desenvolver seu trabalho, com uma “linguagem acessível” aos educandos. Pinsky e Pinsky p.23, 2013.

É a sua formação (do professor) e também, de grande importância para a construção dos itens já citados acima.

É neste sentido Guimarães *apud* Nóvoa 1991, p.70:

Está em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional. Ou seja, a formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal.

E assim, sendo, se vê que a formação do docente não se ressalta apenas durante sua vida escolar, mas também ao longo da vida, e não é apenas uma tarefa exclusiva de um ou outro agente mas de vários.

É que a passar do tempo esta formação irá se constituir de maneiras diferenciadas, passando ao contexto social, cultural, científica e entre outros como é descrito por Guimarães, 2012, p. 113:

A formação e a profissionalização do professor passaram a ser situadas no contexto social das mudanças na produção científica, cultural, técnica, pedagógicas e artísticas que cada vez mais impactam as formas de viver pensar, sentir e agir das diferentes gerações.

Assim esta formação a cada dia vai se modificando e se renovando em relação aos alunos, pois a sociedade atual vem se transformando em função das tecnologias e cabe a este professor a buscar formação qualificada e vá atender o mercado atual de trabalho.

É neste contexto para melhor aprendizado dos alunos o professores devem ficar atentos as questões didáticas a serem trabalhadas em sala de aula, pois devem ser trabalhados de uma forma lúdica e interativa com os mesmos.

É alguns exemplos são:

- Livros Didáticos:

Como Guimarães 2012, p.91; cita que aderir, cessar, acrescentar e/ou modificar o uso dos livros didáticos no estudo de História? Para alguns esta incógnita pode parecer inadequada ou superada.

Isso porque muito já se investigou sobre política, conteúdo e forma do livro didático e de modo geral, ele constituiu a principal fonte de estudo, o elemento predominante e, muitas vezes, determinante no processo de ensino e aprendizagem em História. (GUIMARÃES 2012, p. 91).

É desta maneira e visto que o uso do livro didático é utilizado em todo território brasileiro, e visto com uma ferramenta importante neste ensino. Como e ressaltado por Guimarães apud Jorn Rusen “ Todos os especialistas estão de acordo em que o livro didático é a ferramenta mais importante no ensino de História”.

É desta maneira Espíndola, 2003 p.1; vem completar dizendo que, “o livro didático é um dos principais instrumentos de mediação, seleção e organização dos saberes escolar a serem ensinados.”

É como Timbó, 2009 p.1 cita, “É possível afirmar que o livro didático faz parte da cultura material da maioria das escolas públicas brasileiras, e é um documento que comporta vários outros documentos...”

É sendo assim Guimarães 2003 p.91 cita que “o livro didático é um dos principais veiculadores de conhecimento sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros com acesso à educação escolar básica na rede pública de ensino”.

Mas que apesar desta grande importância, se deve ficar atentos há algumas questões como e ressaltado por Espindola, 2003 p.1:

No caso do ensino de História, vários são os pontos a serem levados em consideração ao se adotar um livro didático, de acordo com o PNLD: ele deve incorporar as inovações historiográficas em seu conteúdo sem reduzir-se a “modismos” deve levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos acerca dos temas trabalhados; deve ser coerente e ter uma boa metodologia para trabalhar conteúdo.

Desta forma deve-se tomar cuidado em relação ao uso do Livro didático e sim ele pode favorecer os alunos deste que seja trabalho de forma coerente e correta como cita Guimarães 2003 p.106:

O livro didático é uma fonte útil para a cultura escolar deste que não mais seja considerado o lugar de *toda a* História. Submetido em diálogo com outras fontes de estudo –acervos de museus e arquivos, livros não didáticos, produção literária e artística, por exemplo-, ele pode contribuir de modo significativo para a aprendizagem da História.

É esta maneira contribuir para a construção do “EU” do aluno crítico.

- Museus:

As idas aos museus podem ser muito significativas aos alunos principalmente a aqueles que nunca tiveram acesso ao mesmo. Como Seabra, 2012, p.2, menciona:

As visitas a museus são uma possibilidade de ampliação da formação acadêmica e profissional para além do espaço escolar e, ao mesmo tempo, trazem para o cotidiano de formação múltiplas dimensões históricas, políticas e culturais. Situações de visita a museus permitem investigar... Podem-se articular reflexões sobre as experiências próprias...

É assim se tornando uma experiência de necessidade para que o aluno possa se sentir um elo com o passado. Como e mencionado por Knack, 2013, p.82, *apud* Possamai, 2002, p.77, “a pesquisa em museus é uma atividade essencial, constituindo-se como uma das bases da sua existência desde a Antiguidade.”

É se deve ficar atento aos tipos de museus e aplicar eles de acordo com o conteúdo dando-lhes um significado à aquele passeio. E de acordo com Knack, 2013 p.81 os tipos são: “Museu-narrativa, é um espaço de contemplação e reflexão, que cria um ambiente de forte relação entre o narrador (o museu), aquilo que está sendo contado (através de exposições, por exemplo) e o público visitante.” E este tipo de museu e especificado pelas relações principalmente as pessoais. “Museu-Informação, diferente do espaço flâneur, está atrelado ao público característico da grande cidade, marcado pela definição do homem-multidão.” E aquele que se apresenta nas grandes cidades e podem ser descritos e denominados contemporâneos.

Desta maneira o professor em todos os casos deve ligar o conteúdo a pratica ao livro didático, não levando para apenas uma diversão, obrigação de aplicar aquele conteúdo ou apenas para sair de sala de aula. Deve ser conter um significado para os ambos.

É assim o professor de História como dito em cima deve levar em consideração todo o conteúdo, envolver a melhor maneira de aplicar as aulas sendo usando o livro didático ou levando para uma visita ao museu. O importante e que seja adquirido e desenvolvido o pensamento crítico e o “EU” deste aluno

CONCLUSÃO

Esta investigação surgiu, com o interesse de compreender melhor o trabalho do professor, pedagogo em relação ao ensino de História e no desenvolvimento das habilidades que este ensino traz para os alunos. E sabendo que este ensino não acontece de uma forma correta e concreta, surgiu o interesse neste tema.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados com êxito. Pois constatei que este ensino pode sim desenvolver as habilidades citadas nos objetivos. Mas que o mesmo deve ser trabalhado de forma lúdica e significativa para o aluno, pois caso contrário as mesmas não serão desenvolvidas.

É necessário salientar que o profissional desta área deve conter uma formação continuada, para que ele possa fazer deste ensino significativo para ambos lados, e porque a cada dia o mundo se inova com as tecnologias e atualizações na área pedagógico e este profissional deve ficar atento as estas questões da atualidade.

Desta maneira, é indispensável a atuação deste profissional no Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, assim na atuação do desenvolvimento das competências das habilidades e atitudes deste indivíduo.

É primordial mencionar que foi validado a hipótese, através das pesquisas e investigações nos artigos e livros.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Holien G. **Ensino de história:** conteúdos e conceitos básicos. **In: Karnal, Leandro** (org). História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: contexto, 2013.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** 12.ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** história. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 2000.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** história. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf>. Acessado em: 14 abr.2017 as 09:30.

ESPÍNDOLA, Danielle Parker Andrade. **O USO DO LIVRO DIDÁTICO, EM SALA DE AULA, POR PROFESSORES DE HISTÓRIA.** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/IOMS-5WSP68/disserta__o_danielle_parker_espindola.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 abr.2017. as 23:15.

FERMIANO, Maria Belintane; SANTOS, Adriane Santarosa dos. **Ensino de história para o fundamental 1: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. – 5.ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. – 6.ed – São Paulo: Atlas, 2010.

Guimarães, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados.** 13^o. ed. Ver. e ampl. Campinas, SP; 2012.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. **HISTÓRIA, ENSINO E PESQUISA EM MUSEUS:** uma experiência no museu histórico regional. Vol.15, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/36967/26764>>. Acesso em: 15 abr.2017. as 08:05.

KANTOVITZ, Geane. **A Disciplina de História e a formação para a cidadania:** uma experiência interdisciplinar. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/1634/2550>>. Acesso em: 21mar. 2017. as 10:05.

MARCIANO, Thiago. **O papel social do professor de História do Ensino Fundamental na Formação Crítica do Aluno.** 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-social-do-professor-de-historia-do-ensino-fundamental-na-formacao-critica-do-aluno/9809/>>. Acesso em: 04 fev. 2017. as 09:30.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Por uma História prazerosa e consequente.** In: Karnal, Leandro (org). História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: contexto, 2013.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). **História da cidadania.** São Paulo: Contexto, 2003.

PEREIRA, Jean Carlos Cerqueira. **O Ensino de História nas Séries Inicias.** Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017. as 01:15.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula.** In. Bittencourt, Circe. O saber histórico na sala de aula. 12.ed., 1^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque. **Visitas a museus: ensino de história, patrimônio e memória.** Uminho, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/viewFile/818/471>>. Acesso em: 10 mar. 2017 as 07:15.

SILVA, Andrea de Souza; SANTOS, Sueli Lima. **A contribuição do ensino de História na aprendizagem e na formação social do aluno.** Campina Grande, ed. realize, 2012, Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/c9f97659fc979488f611e042f8d48123_2222.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017. as 10:30.

TIMBÓ, Isaíde Bandeira. **LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: CULTURA MATERIAL ESCOLAR EM DESTAQUE.** Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0011.pdf>>. Acesso em: 10 ABR. 2017. as 10:20.